

O que faz fracassar uma formação?

Ricardo Goldenberg

O que diria um analista lacaniano sobre o fracasso da formação? A resposta vai num sentido semelhante ao indicado por Winnicott e por Meyer: fracasso aqui significa não aceder a um estilo singular, e permanecer atado aos ideais do mestre.

"...a teoria da psicanálise didática, sempre por ser feita, atualmente só insiste como questão, fantasia ou sintoma do didata. Em outras palavras, não é o "querer ser analista" que fundamenta o problema; é antes o "ter se tornado analista" que o cria retroativamente."

François Perrier.

Um cartão de visita tem a missão de poupar a tarefa, às vezes penosa, de anunciar quem está aí. Como o brasão na lapela dos rotarianos, o cartão diz a que viemos e quais são as nossas preferências. Arriscar o mal-entendido torna-se desnecessário. Tive direito a meu primeiro cartão ao terminar o curso universitário, *Licenciado em Psicologia* dizia. Houve outros, mas o predicado impresso sob meu nome mudou, primeiro para *Psicólogo*, depois para *Psicanalista*, até desaparecer - não o predicado, o cartão de visita. Dispensei os cartões em parte porque minhas frequentes mudanças os tornavam pouco práticos e em parte porque me deixavam embaraçado. Lembrei daquele incômodo recentemente, a propósito do hábito ame-

ricano de apresentar-se mediante uma troca de cartões. Voltei com uma porção deles de uma viagem que fiz por lá a convite de uma universidade. Nos USA me senti vagamente em falta por não poder corresponder entregando os meus, como se tivesse sido flagrado numa *gaffe* social. Por que? Talvez porque mostrava meu desamparo institucional. Nenhuma instância social responderia por mim, a não ser o discurso mesmo que sustento, ou, melhor, que me sustenta. O cartão tem uma função identificatória aparentada com a da carteira de identidade. Ambos tornam a fala superflua no momento

Ricardo Goldenberg é psicanalista, autor de *Ensaio sobre a Moral de Freud* (Agalma, 1993), e de colaborações em revistas e livros.

de uma interpelação (se um policial exige a sua identificação, não é bem a história de sua vida que ele quer ouvir). Não acredito estar mostrando só uma idiossincrasia minha quando sugiro ser problemático que um psicanalista opte por este atalho ao ser interpelado. No fim das contas, tudo que podemos saber sobre o sucesso ou insucesso de uma formação se reduz ao modo como ela é dita a um outro.

Meu primeiro gesto ao chegar ao Brasil, há mais de dez anos, foi telefonar para os psicanalistas que cá estavam. Para lhes falar de quê? Do meu percurso, claro. Anunciar-

pede ao recomendado que bata a máquina antes de contratá-lo. Quando o relatório curricular não é uma garantia de per si, só resta confiar no *relato* do percurso. Da conversa com o colega posso esperar a magia do laço transferencial que me abra as portas da comunidade a que ele pertence. A bem da verdade, tampouco aqui existe a menor garantia, já que não há como calcular os efeitos da palavra. Não obstante isso, não existe outra escolha a não ser confiar nela, na palavra. Claro que conversar era, também, o meio para eu mesmo saber se desejava participar daquela co-

Apresentar-se, enfim, não é fácil. Se fosse, os homens não teríamos tanto receio na hora de chegar a uma mulher para lhe dizer... Mas é disso mesmo que se trata: o que se diz a uma mulher? Qualquer coisa que eu puder articular, ainda que seja sobre mim próprio, depende da discreta arbitrariedade do ouvinte, e este poder pode ser inquietante. Por querer ser simpático ao casal de finlandeses que acabara de conhecer, um fulano começa a dizer a única frase que conhece em finlandês e acaba levando um grito irado da mulher e um murro do marido. Ou seja, não passa de uma miragem a nossa convicção de que escolhemos livremente o predicado que irá nos apresentar. Digamos, melhor, que só depois de termos feito as apresentações de rigor podemos saber sob qual predicado estávamos antes.

Nada mais pernicioso, de fato, que um analista muito seguro de sua linha. Um que não vacila frente à pergunta inicial de tantas entrevistas: "Qual é a sua linha?" Confesso que eu perdia meu latim com esta injunção identificatória. Meu problema era como acolher a questão sobre a filiação sem bloquear a interpelação que me fora feita com um adjetivo, cuja única missão seria remeter meu interlocutor ao ideal do eu que me sustenta. Existe, não obstante, uma resposta simples e bastante eficaz para esta interrogação, sobretudo quando quem pergunta não pertence ao mundo psi: "E a sua?"

Falei do analista e do paciente quando chegam. Um não sabe que tem uma linha, o outro precisa esquecer a sua. Dir-se-ia que são movimentos inversos. Os vetores se intersectam, contudo, num ponto. Ambos são levados pela própria demanda a ter de mostrar a filiação com a finalidade de abrir um lugar para si mesmos no campo do Outro. Situação histórica por excelência. O histórico se queixa da sua exclusão do convívio social, mas não sabe

Como acolher a questão sobre a filiação sem bloquear a interpelação com um adjetivo?

me como psicanalista sem mais não bastaria. Para ser suficiente precisaria ser um membro da IPA, porque ela garante o direito ao adjetivo "psicanalista", *whatever that means*. Fora dela faz-se necessário mostrar a título de quê alguém pode se reclamar da Psicanálise. Contar o tal percurso consiste em relacionar os mestres, supervisores e analistas a quem sou grato por terem me mostrado o caminho para chegar ao ponto em que me encontro. Evocá-los, contudo, só serve se seus nomes representam algo a nível social, isto é, se valem como signo de que *eu* faço parte da classe que o prestígio de seus nomes funda. Um pouco como ter um pistolão: ninguém

comunidade ou não. Relatar o percurso, em todo caso, implicava em topiar o risco da demanda. E, por falar em demanda, não é de nenhum modo insignificante que a instituição que se interroga e me interroga sobre a formação esteja representada por uma revista de nome "Percurso".

"Percurso" é um cartão de visita. Mas não é apenas isso, é uma publicação e como tal está aberta a todos os equívocos próprios do discursivo a que se fecha como cartão de visita, porque enquanto tal deve funcionar como um signo inequívoco destinado a apresentar o "Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae" à sociedade¹.

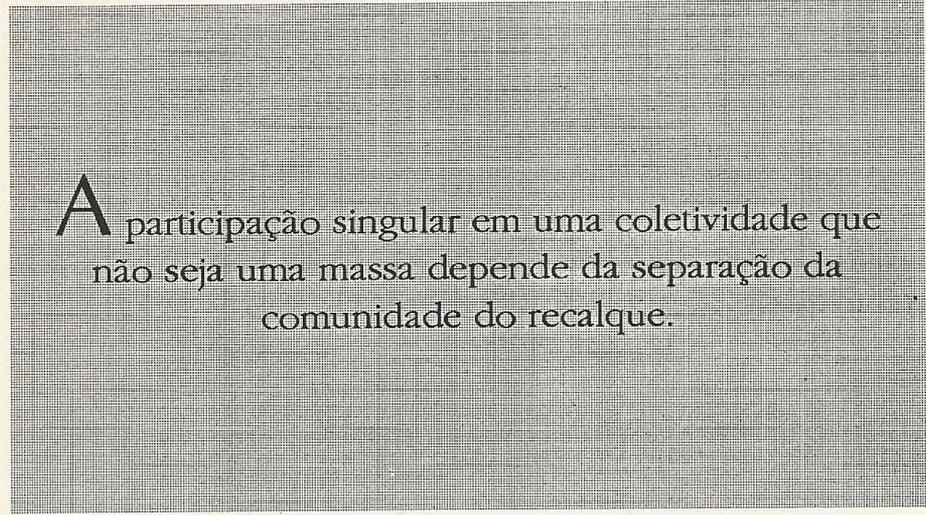
que, mediante a cena da sua inadequação ao grupo, expressa a tentativa de separar-se dos significantes mestres de sua história, de faltar à lei do destino que lhe fora prescrito. Entretanto, como esta recusa do fado não pode ser assumida nem mesmo reconhecida, o neurótico faz de sua marginalidade um fado contra o qual deve lutar. E o temos assim às voltas com um ideal de pertencer a uma classe a qualquer preço para ser (pouco importa para ser o quê, o conteúdo da classe é um pretexto que mascara uma dificuldade estrutural). Esta política da marginalidade que se ignora con-

stituição formadora -significantes que comandam, como todo ideal, o recalque que unifica aquela instituição como massa. Não penso, contudo, que o resultado deva ser necessariamente o afastamento do grupo, ao contrário, desta separação da comunidade do recalque depende sua possível participação *singular* na empreitada de uma coletividade que não seja uma massa. Neste sentido, quando se trata de formandos, eu acredito que se pode definir a saída psicanalítica da histeria como o exercício de uma outra política dos limites, advinda do fracasso da formação.

exercício da marginalidade inerente ao discurso psicanalítico. Em outras palavras, sem que o "formado" deva pender para o ostracismo da histórica ou para sua defesa, a filiação militante.

Enfim, para ir direto à questão pela qual fui convidado a escrever: por que me perguntas pelo insucesso da formação, para que eu pense que é o sucesso dela que te interessa, quando eu sei que estás, de fato, interessado no seu fracasso? Como se vê, penso o melhor da enunciação desta pergunta, porque do lado da preocupação pela formação exitosa dos outros não vejo mais que um deserto. Em compensação, ocupar-se de como fracassa cada formação, enquanto ela não pode deixar de ser a transmissão do recalque do formador, equivale a acolher o ponto em que, ao separar-se dos ideais do formador, pode se esperar o advento de um estilo singular de analista. Nada aqui é seguro, porém, de um bom aluno não podemos esperar senão o fracasso.

P.S.: Que esta breve reflexão seja uma homenagem à memória de François Perrier, autor da minha epígrafe, a quem a lucidez e uma formação mais do que bem sucedida não serviram para abandonar seu inferno particular...



A participação singular em uma coletividade que não seja uma massa depende da separação da comunidade do recalque.

funde a falta de lugar com o lugar da falta. Espera-se que uma vez desfeita a confusão o trânsito pelas margens se torne menos patético.

Que a formação de um psicanalista pode ser tomada na armadilha histórica ninguém duvida. A promessa de pertinência, o aceno do *ser...* analista são por demais tentadores para quem pede para ser formado². Que a formação esteja *sempre* presa daquela armadilha é discutível. Seja como for, não vejo caminho mais fecundo para quem se interessar pelos modos como alguém se tornou analista, que ocupar-se de como ele fez fracassar a sua formação, como, em suma, separou-se dos significantes ideais da

Não se trata de fazer a apologia do marginal, mesmo porque se todos fossemos marginais deixaria de haver instituição ou lei. Todavia, é difícil deixar de ver no sintagma "instituição psicanalítica" outra coisa a não ser uma *contradictio in adjecto*. Instituir, com efeito, é rejeitar qualquer marginalidade e analisar deveria ser propiciar uma posição subjetiva, no mínimo, depreendida dos significantes ideais que a constituiram. O problema está em saber se ainda podemos esperar de uma psicanálise que torne supérflua a preocupação pelo título de analista e que crie as condições para participar de uma tarefa coletiva sem para isso ter de renunciar ao

NOTAS

1. Conforme depoimento de Miriam Chnaideman à *Agenda de Psicanálise* em 1989, "Percurso" veio representar uma instituição que se propunha a "formar psicanalistas sem autorizá-los". Um pouco como uma auto-escola, que ensina a guiar sem responsabilizar-se pela habilitação para dirigir. Conceder a carteira de motorista é incumbência do *Detran*. Mas que *Depsi* será responsável pela autorização dos analistas assim formados? Não acredito que uma tal autorização seja possível, nem mesmo desejável, mas evitar a questão não é resolvê-la, e parece um fato que a opção das instituições não ipeistas pela separação entre a formação e a autorização acaba forçando-as a adotar a política do avestruz. Como dizia, não acredito que a autorização institucional seja possível, porém a sua falta cria um verdadeiro problema, e ele deve ser tratado pelas instituições que se autodenominam formadoras: o vale-tudo, do qual Freud quis escapar fundando uma associação de psicanalistas que lhe evitasse a pecha de charlatanismo para seu método.
2. "Polícia para quem precisa de polícia", cantam os Titãs.